

Estudos MCM

Edição 268 - Quinta-feira, 20 de Fevereiro de 2014.

*Neste **Estudo MCM**, avaliamos a dinâmica recente do mercado de trabalho americano, com ênfase na taxa de desemprego e na taxa de participação. Com base nos microdados da Current Population Survey (CPS), concluímos que, ao contrário do que sugere o senso comum, quase a totalidade da redução recente da taxa de participação decorre de pessoas deixando definitivamente o mercado de trabalho, por invalidez ou, principalmente, aposentadoria. A partir desse resultado, pode-se afirmar que, a despeito de a economia ainda seguir em situação frágil, parte importante da queda da taxa de desemprego possui caráter permanente.*

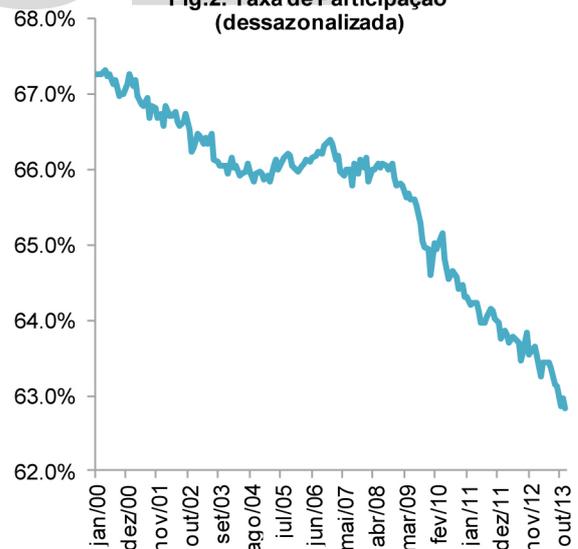
Fatores estruturais e a taxa de desemprego nos EUA

Entre o final de 2007 meados de 2009, a taxa de desemprego nos EUA mais do que dobrou, chegando a 10%. Desde então, o indicador tem recuado gradualmente, tendência esta acentuada nos últimos meses (figura 1). Em condições normais, esse movimento seria um claro sinal de melhora da maior economia do mundo, elevando a probabilidade de o Federal Reserve iniciar o processo de normalização da taxa de juro mais cedo do que se esperava¹.

Fig.1: Taxa de Desemprego (dessazonalizada)



Fig.2: Taxa de Participação (dessazonalizada)



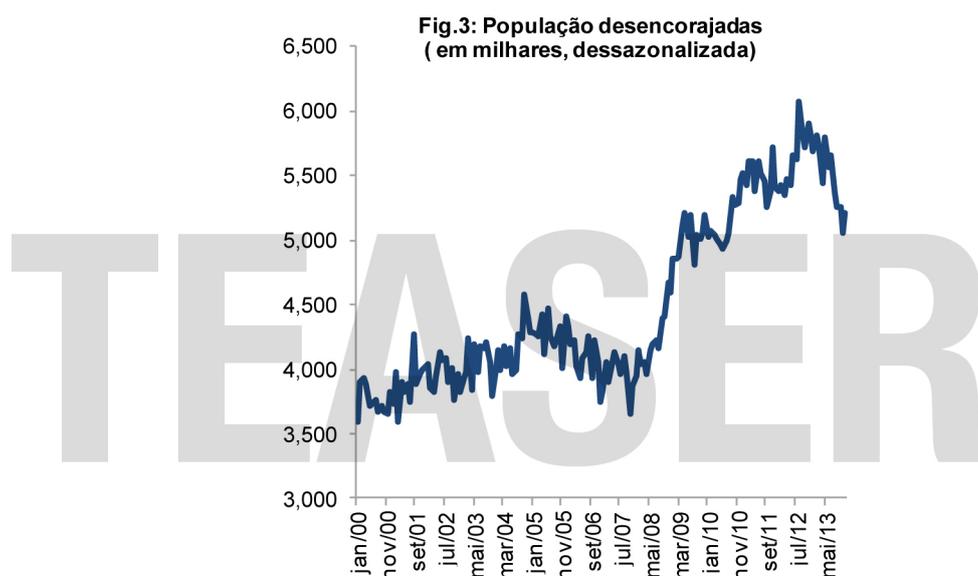
O problema no raciocínio acima é que nem sempre recuos na taxa de desemprego são reflexos de crescimento da demanda agregada e, conseqüentemente, da demanda por mão de obra. Em um cenário de falta de demanda, os trabalhadores desempregados por longos períodos poderiam desistir de procurar

¹ Atualmente, tanto as projeções do Fed divulgadas em dezembro como as taxas futuras de juro sugerem que o primeiro aumento do juro básico ocorrerá somente em meados de 2015, possivelmente no segundo semestre.

emprego. Essa decisão reduziria a população desempregada e a população economicamente ativa (PEA)², com impacto negativo na taxa de desemprego.

Para evitar o risco de conclusões precipitadas, a grande parte dos analistas tem dado atenção a um conjunto mais amplo de indicadores. Dentre esses, está a taxa de participação, definida como a razão entre a PEA e a população em idade ativa (PIA)³. Como mostra a figura 2, a taxa de participação tem caído ao longo dos últimos anos e, assim como no caso da taxa de desemprego, a tendência de queda também se acentuou nos últimos trimestres.

Em termos gerais, o movimento da taxa de participação pode ser dividido em dois componentes. O primeiro deles consiste em uma tendência de longo prazo decorrente de fatores estruturais da economia. Nesse contexto, pode-se destacar o processo de envelhecimento populacional que, em função do maior número de aposentadorias, exerce pressão negativa de queda na taxa de participação ao longo do tempo. Por sua vez, o baixo crescimento econômico e o cenário rodeado por incertezas fez com que o número de pessoas desencorajadas crescesse de forma substancial (efeito desalento), pressionando a taxa de desemprego para baixo a partir de 2007. Como mostra a figura 3, após a eclosão da crise financeira, cerca de 1,3 milhão de pessoas foram adicionadas ao grupo de desencorajados, composto por aqueles que gostariam de trabalhar, mas não procuram emprego por não acreditar na existência de vagas disponíveis.



Do exposto acima, fica clara a importância de um diagnóstico correto sobre os motivos da queda da taxa de participação. Para tanto, lançamos mão dos microdados da *Current Population Survey (CPS)*, pesquisa utilizada pelo *US Bureau of Labor Statistics* para a construção da taxa de desemprego⁴. A partir dessas informações, é possível dividir a população não economicamente ativa (PNEA, ou inativos) em três grupos, a saber: **(i)** aposentados; **(ii)** inválidos; e **(iii)** outros.

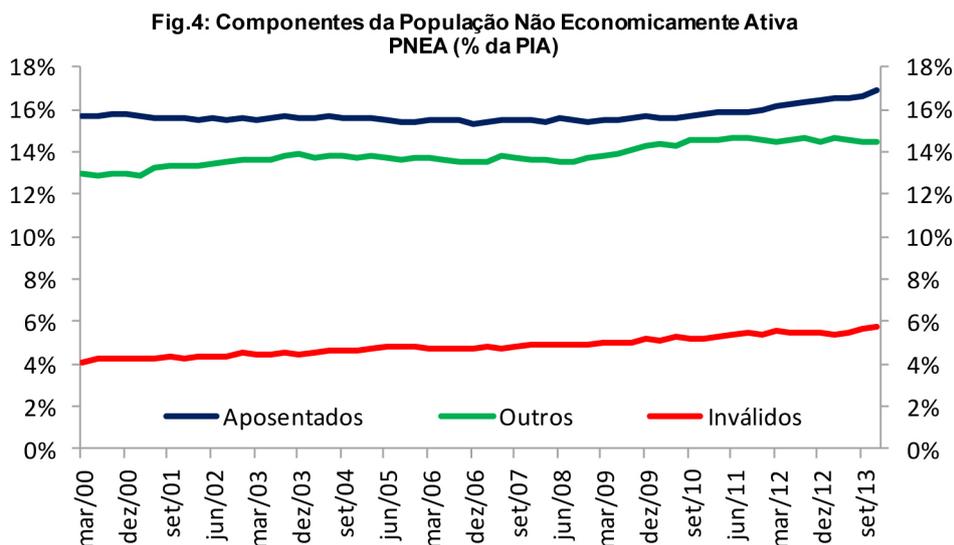
A princípio, a dinâmica dos dois primeiros grupos é determinada preponderantemente por fatores estruturais, tais como o envelhecimento da população. Por sua vez, o terceiro grupo inclui os desencorajados, que sofrem mais os impactos de um mercado de trabalho fraco. A figura 4 mostra a evolução dos três, como

² A PEA é composta pela soma entre a população ocupada e a população desocupada, esta última constituída pelos trabalhadores desempregados que procuram emprego nas quatro semanas anteriores à pesquisa.

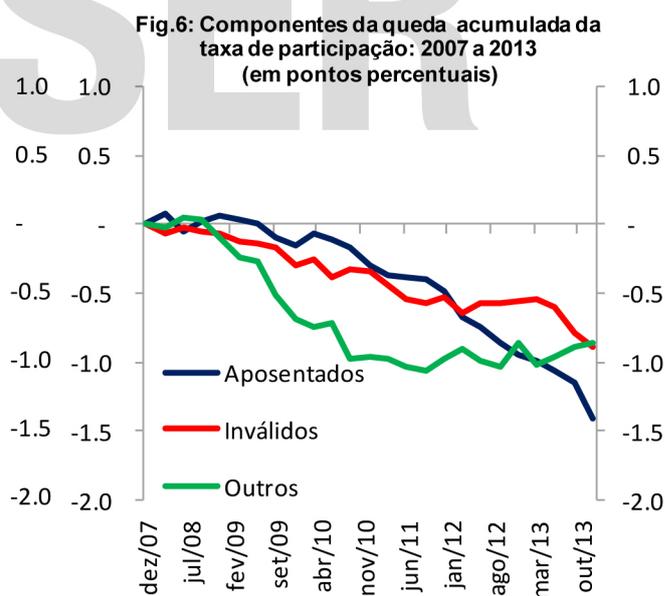
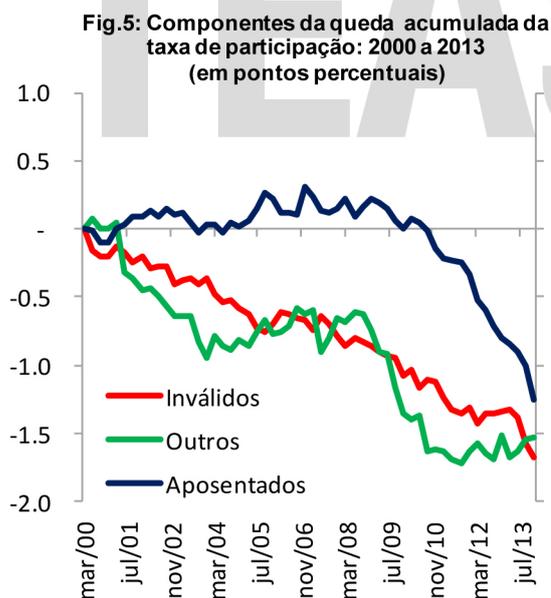
³ A PIA é composta pela população civil com 16 anos ou mais.

⁴ O exercício feito aqui atualiza o trabalho do Federal Reserve da Filadélfia, "On the causes of declines in the Labor Force Participation Rate", de Shigeru Fujita, com dados do segundo semestre de 2013.

proporção da PIA. Como podemos observar, ao final de 2013⁵, os aposentados respondiam por 16,9% da PIA, contra 5,8% dos desabilitados e 14,5% do grupo "outros".



Com o intuito de mostrar como cada grupo contribuiu para a queda da taxa de participação desde 2000 (quando teve início o processo de declínio), a figura 5 acumula as variações individuais mostradas na figura 4. Dessa forma, quando somadas, as três linhas corresponderão exatamente à variação acumulada da taxa de participação nos últimos treze anos. Como podemos observar, entre o primeiro trimestre de 2000 e o final de 2011, a queda da taxa de participação em função de invalidez cresceu de forma estável, totalizando 1,3 ponto percentual. Entre o final de 2011 e o segundo trimestre de 2013, essa contribuição permaneceu relativamente estável, voltando a crescer na segunda metade do ano passado, quando atingiu 1,7 p.p.



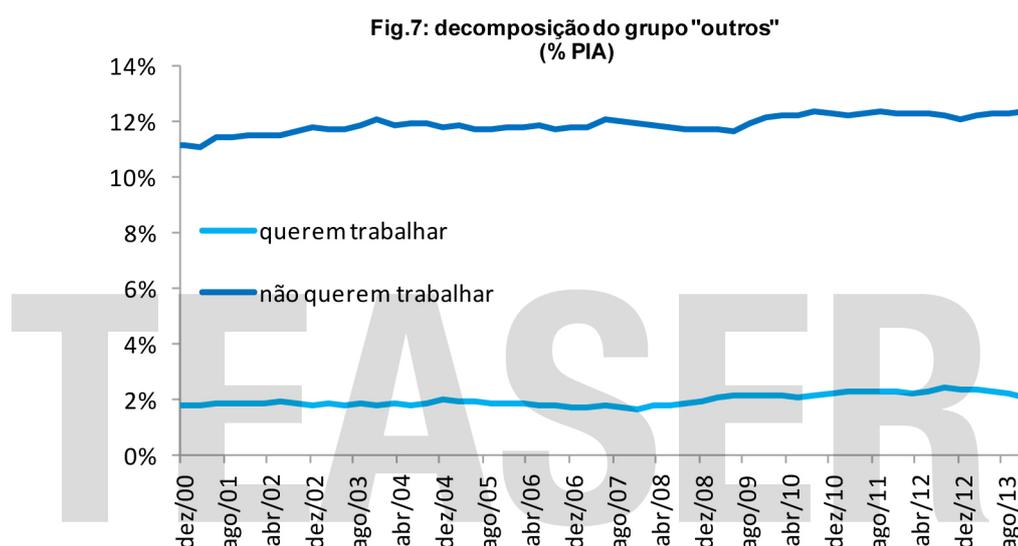
Por sua vez, até o terceiro trimestre de 2010 é possível afirmar que a evolução das aposentadorias teve impacto desprezível na queda da taxa de participação. Contudo, desde então, esse grupo passou a ter importância crescente no processo, e explica 3/4 de toda a queda do indicador de 2012 para cá. O comportamento dos últimos anos está claramente relacionado à aposentadoria da geração conhecida como *baby boomers*, nascidos em 1946. Parte dessas pessoas já poderia até ter se aposentado antes, mas podem ter postergado essa decisão em função da perda patrimonial decorrente da crise financeira internacional. Isso explicaria a aceleração recente mostrada na figura 5, e ilustra a dificuldade em separar fatores estruturais e conjunturais.

⁵ Ainda não estão disponíveis os microdados referentes a janeiro/14.

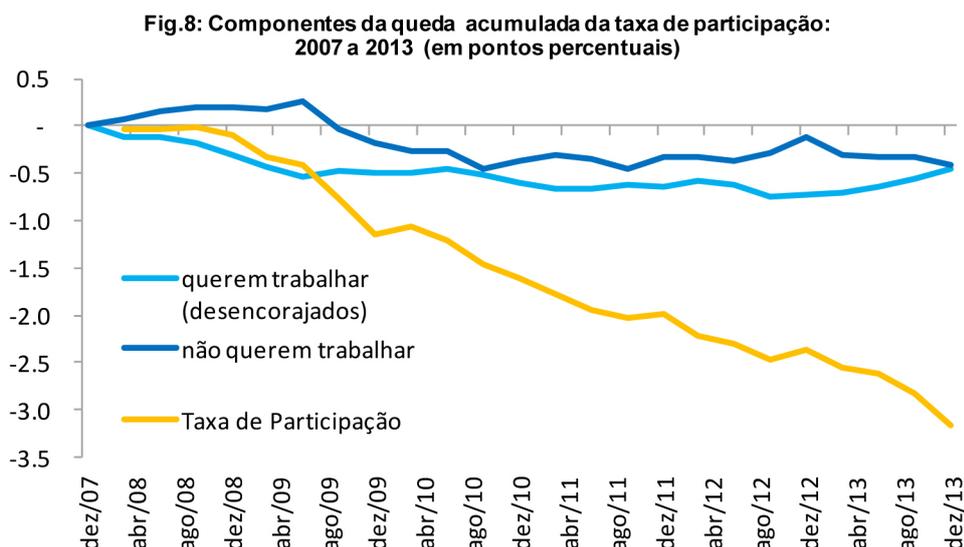
Por fim, 1,5 ponto percentual da queda observada da taxa de participação entre 2000 e 2013 se deu em função do grupo "outros", cuja importância no processo se mostrou claramente contracíclica, crescendo de forma relevante recessões do início e do final da década passada. Esse comportamento não surpreende, tendo em vista que a dinâmica das pessoas desencorajadas é diretamente afetada pelo ciclo econômico. Ainda assim, cabe notar que, em 2013, o grupo "outros" não teve participação alguma na queda de 0,8 pp da taxa de participação, movimento explicado integralmente por aposentadorias e questões de invalidez.

A figura 6 nos dá a mesma informação, mas acumulando a queda da taxa de participação desde o último trimestre de 2007, quanto teve início a última recessão econômica. Nesse caso, vemos que as aposentadorias e invalidez respondem por 3/4 (2,3 p.p.) da queda da taxa de participação desde o início da crise.

Já a figura 7 mostra a decomposição do grupo "outros" entre aqueles que querem trabalhar e os que não querem (ambos como proporção da PIA). Como podemos observar, os desencorajados respondem por apenas 15% do grupo "outros" (2,1% DA PIA), ao passo que a grande maioria do grupo (85%, ou 12,4% da Pia) não só não trabalham, como não querem trabalhar.



Apesar da participação relativamente pequena, os desencorajados tiveram importância significativa na queda da taxa de participação após o início da recessão. Como mostra a figura 8, nos primeiros trimestres, o crescimento dos desencorajados chegou a responder por mais de 100% da queda da taxa de participação. No entanto, essa importância foi caindo gradualmente e, no final de 2013, os desencorajados respondiam por apenas 0,45 p.p da queda de 3,2 p.p (15%) da taxa de participação entre o 4T07 e o 4T13.



Em suma, é verdade que parte importante da recente queda da taxa de desemprego se deu em função da queda da taxa de participação. No entanto, a maior parte desse recuo decorre de fatores estruturais, tais como o envelhecimento da população. Conseqüentemente, as pessoas que estão deixando o mercado muito dificilmente retornarão, mesmo que as condições econômicas melhorem substancialmente. Com base nas matrizes de transição calculadas com os microdados, vemos que a chance de um aposentado ou inválido retornar ao mercado de trabalho é inferior a 2%. Retornar como desocupado, então, possui probabilidade inferior a 1%.

Mesmo no caso improvável em que o retorno dos desencorajados ao mercado de trabalho elevasse a taxa de participação em 0,5 ponto percentual (devolvendo assim toda a queda desde 2007), a taxa de desemprego subiria dos atuais 6,6% para 7,2%. Ou seja, a maior parte da queda recente deste último indicador decorre de fatores estruturais, e não conjunturais. E cabe destacar que os últimos dados tem revelado queda dos desencorajados, tanto por bons motivos (retorno ao mercado) como por motivos ruins (deixaram de querer emprego, abandonando de vez o mercado).

Evidentemente, isso não quer dizer que não exista grande ociosidade no mercado de trabalho americano, ou que a economia já se encontra no pleno emprego. Contudo, a atual dinâmica demográfica tende a seguir pressionando a taxa para baixo, o que o torna um indicador pouco útil sobre o real estado da economia americana. Nesse sentido, acreditamos que o Federal Reserve irá abandonar em breve a estratégia de relacionar à condução da política monetária com a taxa de desemprego.

TEASER



Produzido pela MCM Consultores Associados exclusivamente para clientes. 2014. Reprodução Proibida.

Tel: (011) 3318-5750. Fax (011) 3318-5790. site: mcmconsultores.com.br e-mail: economia@mcmconsultores.com.br